

2007 - E do povo nasceu um presidente carismático!

E do povo nasceu um presidente carismático!

por: Eugénio Costa Almeida©

"Serão três, os artigos que abordarão esta temática que tem tanto de sensível como de paludoso. O primeiro, inevitavelmente até porque, igualmente, foi o primeiro do País, será Samora Moisés Machel." Quando, em 25 de Junho de 1975, Moçambique ascendeu à independência foi a figura mais carismática da Frelimo quem tomou, também, como seus os destinos da nova Nação. Indubitavelmente, para o bem e para o mal, tornou-se a primeira grande figura do Estado moçambicano. Sendo alvo predilecto do anedotário ocidental e lusitano, Machel acabou por mostrar ter uma sensibilidade política e diplomática que, há partida, nada indicava ter. Bem pelo contrário. Começou por colocar o País, tal como os restantes líderes africanos da época, na órbita dos soviéticos e dos cubanos sem descurar o apoio chinês conforme acabou por ser consagrado no III Congresso da Frelimo, de 1977. Daí se dizer e com certa propriedade que Moçambique era uma república onde imperava um Poder Popular proletário sem deixar de ser, também, soviético. Por isso não surpreendeu que algumas das primeiras medidas do novo líder tivesse passado pela nacionalização da propriedade privada – nem toda – e pelo confronto com os seus dois mais fortes vizinhos, a Rodésia de Ian Smith – a primeira medida foi implementar as sanções determinadas pela Grã Bretanha vedando o acesso dos rodesianos ao porto da Beira – e à segregacionista República da África do Sul sendo um dos principais alicerces da chamada Linha da Frente. Depois quando os tempos começaram a mudar na Europa e os problemas internos começaram a se tornar insustentáveis sob também ele moldar-se às novas realidades. O País caía inexoravelmente para um abismo difícil de sair, tornando-se, a par da Etiópia, num dos países mais pobre de África, tudo e em grande parte devido à guerra-civil fomentada e sustentada por sul-africanos e pelos rodesianos mas também com o discreto apoio Ocidental. Daí que Machel, e os seus principais colaboradores, tenha começado a procurar regularizar as suas relações com o principal vizinho do Sul sem deixar de apoiar a luta de independência e o fim do segregacionismo rodesiano. Dos primeiros contactos à celebração de um Pacto de não-agressão foi um passo curto. Em Inkomati, em Março de 1984, Machel surpreendeu o Mundo e África quando assinou um Acordo de Paz e boa-vizinhança com o governo de Pieter Botha cujo principal mote foi terminar o apoio dos sul-africanos à então rebelde Renamo. Dois anos depois, Moçambique começava a caminhar para o liberalismo assinando acordos com o Banco Mundial e o FMI e procedia ao início da Política de Reabilitação Económica, do Ajustamento Estrutural. Foi o princípio do fim de Machel conforme algumas vozes veiculam sustentando-se nas palavras da então viúva, Graça Machel, numa entrevista concedida ao Semanário “Domingo”, de Dez. 1999, que “o meu marido declarou quando se sentiu abandonado pela direcção da Frelimo que por terra não sentia nenhum perigo, talvez pelo ar...”. E nesse dia morria num acidente de aviação, ainda hoje não claramente explicado, sobre terras sul-africanas. E na Direcção pautavam pessoas como Joaquim Chissano, Mariano Matsinhe, Hélder Martins, Jacinto Veloso ou Armando Guebuza, considerados por certos sectores como formando a elite burguesa do partido e que viria a suceder a Machel. Publicado no jornal moçambicano O Observador, edição nº 003, de 27 de Junho de 2007 sob o título (edição em PDF por assinatura)